

ENTREVISTA COM A PROFESSORA DOUTORA NORMA RAMOS ESCOBAR HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS SOBRE INTERSECCIONALIDADE ENTRE BRASIL E MÉXICO¹

Alexandra Lima da Silva
Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti

Local de realização da entrevista: Universidad Pedagógica Nacional 241,
San Luis Potosí
Data da realização da entrevista: 07/11/2025

Em Novembro de 2025, a professora doutora Alexandra Lima da Silva e o professor doutor Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti visitaram a Universidad Pedagógica Nacional, em San Luis Potosí – México. Na ocasião, realizaram entrevista com a professora doutora Norma Ramos Escobar, professora titular da Universidade Pedagógica Nacional, Unidade 241, Coordenadora de Pesquisa e membro da Comissão de Igualdade de Gênero. É presidente da Sociedade Mexicana de História da Educação. Pertence ao Sistema Nacional de Pesquisadores, Nível I.

Norma Ramos Escobar durante a entrevista na Universidad Pedagógica Nacional 241



Fonte: Acervo do projeto. Fotografia de Stella Guedes Catuto (2025).

¹ Esta entrevista faz parte do projeto Educação e direitos humanos: gênero, equidade e interseccionalidade (Brasil e México) – financiado por meio do edital CHAMADA PÚBLICA MCTI/CNPQ Nº 16/2024

Caminhos da Educação: — Estamos aqui, no dia 7 de novembro de 2025, na Universidad Pedagógica Nacional 241, em San Luis Potosí, com a doutora Norma Ramos Escobar. Muito obrigado por sua atenção e disponibilidade. Nossa intenção é publicar esta entrevista no periódico chamado *Revista Caminhos da Educação*, que aborda a diversidade, a interseccionalidade e a história da educação. E, para começar, a sua autodefinição: quem é Norma Ramos Escobar?

Norma Ramos Escobar: — Bem, antes de tudo, muito obrigada por terem vindo até aqui, a San Luis Potosí. E eu adoro conversar com colegas historiadoras e historiadores da educação. Pois bem, antes de mais nada, sou uma mulher, não é?

Sou uma mulher historiadora da educação. Sempre digo que, se eu tivesse seguido a História Econômica, não teria saído de Monterrey, Nuevo León, onde realizei minha formação inicial na licenciatura. Isso porque, no nordeste do México, a vertente mais importante da história é a história econômica.

Mas essa história não me preenchia; digamos que não me satisfazia plenamente, não me completava. Por isso, decidi vir para San Luis Potosí, para El Colegio de San Luis, onde realizei meu mestrado em História.

Sempre me perguntam desde quando sou historiadora. Eu costumo dizer que desde o jardim de infância, desde a escola básica, porque cursei licenciatura, mestrado e doutorado em História. E sou especialista em História da Educação. E, particularmente, dentro de todo o campo da História da Educação, especializei-me em sujeitos que, no México, chamamos de invisíveis ou invisibilizados na historiografia.

Isso porque me dedico ao estudo das mulheres professoras rurais, do sul de Nuevo León, uma das regiões mais pobres do nosso estado, no nordeste mexicano. Posteriormente, no doutorado, trabalhei com as infâncias, também de zonas rurais e urbanas, para compreender esse outro sujeito que parece escapar das fontes e que dificulta a compreensão de como eram as infâncias no final do século XIX e início do século XX.

E pensei que esse seria um bom tema para uma tese de doutorado. Assim, no mestrado, abordei as professoras rurais do sul de Nuevo León, os processos de feminização do magistério, e na tese de doutorado tratei das infâncias, também em Nuevo León. Hoje estou aqui em San Luis Potosí e estou começando a trabalhar. Bem, na verdade, já tenho uma década de trabalho em San Luis Potosí também.

Caminhos da Educação: — E os dois trabalhos estão publicados em forma de livro, correto?

Norma Ramos Escobar: — Sim, exatamente. Meu primeiro livro foi sobre as mulheres no magistério. Nele, abordei justamente aquilo que eu comentava com vocês: os processos de feminização por meio de um acompanhamento documental, complementado com histórias de vida.

Eu trabalho com histórias de vida de professoras que ainda estavam vivas no início deste século; ou melhor, professoras que atuaram no início do século XX e que eu ainda encontrei vivas no começo do século XXI, com idades em torno de 93, 97 anos. Procurei tratar como foi a experiência de vida dessas mulheres nessas escolas rurais, algo que inicialmente documentei, obviamente entrecruzei com outros dados e documentos de 300 escolas que localizei no sul de Nuevo León.

A partir desse levantamento, encontrei duas professoras vivas, com as quais construí o último capítulo do livro, que eu costumo dizer — e acredito mesmo — que é como a cereja do bolo. Nesse capítulo, falo de todo o processo de feminização, de como as mulheres se inserem no magistério no final do século XIX e no início do século XX, quando o processo se massifica, pelo menos no caso de Nuevo León.

E ao encontrá-las vivas, decidi trabalhar com histórias de vida. É a partir daí que venho desenvolvendo minhas pesquisas. Gostei muito da metodologia da história de vida justamente por possibilitar esse contato direto, pois não é a mesma coisa observar as professoras apenas a partir dos documentos do que conversar com elas e perceber as diferenças entre o que dizem as políticas educacionais e o que acontece, de fato, no chão da escola.

Caminhos da Educação: — Gostaríamos de saber um pouco mais, então, sobre a sua relação com a Universidad Pedagógica Nacional.

Norma Ramos Escobar: — Cheguei aqui há 13 anos, por meio de concurso de oposição. Atuo na linha de História e trabalho com estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia Educacional. Em Pedagogia, felizmente, ministro a disciplina de História da Educação e todos os conteúdos que vocês veem relacionados a essa área.

Eu procuro trabalhar com a cultura material, de modo que eles abordem um pouco a história da educação, mas também que possibilitem a produção de materiais pedagógicos sobre como era a escola no passado, justamente para que os estudantes estabeleçam essa relação entre passado e presente. Eles constroem suas lousas, nós as comparamos com os *tablets* atuais, entre outros exemplos. Trata-se, portanto, de um exercício de passado–presente na história da educação.

Além disso, na Psicologia Educacional, atuo nas disciplinas de Seminário de Tese I e Seminário de Tese II, nas quais apoio os estudantes no desenvolvimento de suas pesquisas.

Eles, ao final, tornar-se-ão psicólogas educacionais, psicólogos educacionais ou pedagogos, mas a linha da História está sempre presente, e eu procuro estar ali acompanhando esse processo. Assim, há 13 anos estou aqui.

Caminhos da Educação: — E as universidades pedagógicas são para todos?

Norma Ramos Escobar: — Sim, no México a Universidad Pedagógica Nacional existe há bastante tempo; estamos completando 47 anos. Há quase duas universidades pedagógicas por estado da República, ou seja, todos os estados da República Mexicana possuem uma ou até duas universidades pedagógicas.

Por isso, quando se diz que há uma universidade nacional autônoma, sempre lembramos que, na realidade, temos duas universidades nacionais, pois nós, da Universidad Pedagógica Nacional, somos tão nacionais quanto a Universidad Autónoma do México.

E para que surgiram essas universidades? É para a profissionalização e formação de professores em exercício. Assim, tudo o que dizia respeito a cursos de atualização, formação continuada e formação inicial ficou sob responsabilidade das universidades pedagógicas, que, em nível nacional, se encarregam de formar professores e professoras em serviço.

Atualmente, por exemplo, temos professores na formação inicial, nos cursos de mestrado e doutorado, contamos com docentes que já atuam diretamente no campo profissional, que já estão em exercício.

Caminhos da Educação: — Em sua opinião, por que é importante uma conexão entre o Brasil e o México?

Norma Ramos Escobar: — Olha, veja bem, eu sempre digo que o Brasil, qualquer tema em que se “jogue a pedra”, o Brasil já trabalhou sobre ele. O Brasil é um referente importante, é um país com uma tradição histórica muito significativa. Acredito que esse diálogo que construímos na América precisa ser fortalecido, muitas vezes recorremos a referenciais europeus, porém precisamos considerar a forma como o Brasil construiu a sua própria história, assim como o México. Afinal, somos países que foram colonizados. Então, trata-se de pensar nosso diálogo

com a Europa, mas também como países próprios na América Latina, e, nesse sentido, creio que o Brasil é um referente muito, muito importante.

Nós temos, enfim, no meu caso, uma trajetória de cerca de 20 anos na pesquisa, e em todos os congressos dos quais participei sempre houve um diálogo muito estreito com os brasileiros. Basta dizer que acabei de voltar recentemente do Chile e, claro, quase 60% dos participantes eram brasileiros. Por isso, considero que se trata de uma comunidade educacional muito importante, mas também uma comunidade muito respeitosa, acredito eu, da história que vem sendo construída a partir da América Latina. E, dentro dessas ideias que estamos sempre buscando — semelhanças, diferenças, formas de conexão na educação e na pedagogia —, para nós o Brasil sempre será um referente extremamente importante.

Às vezes acreditamos que estamos sendo muito inovadores ao trabalhar determinado tema, quando, na verdade, já há cerca de trinta pesquisadores brasileiros dedicados a ele. Ainda assim, considero que a busca e o diálogo são sempre positivos. Costumo dizer que estamos há 20 anos trabalhando com pesquisa educacional e dialogando, em congressos internacionais, com colegas brasileiros, e que, de fato, estamos sempre muito felizes em atravessar essas fronteiras.

Outra questão importante, eu digo aos meus alunos que, para nós, é muito mais fácil ler em português. Falar a língua nos é mais difícil, mas a leitura é bastante simples, muito acessível para nós.

Caminhos da Educação: — Então, quais são os desafios na formação dos historiadores da educação hoje?

Norma Ramos Escobar: — Veja, infelizmente, no México temos o que chamamos um corte curricular. Às vezes parece — como eu estava dizendo — que, quando cursei a licenciatura em História, éramos sete estudantes; desses, apenas cinco concluíram o curso.

Era um curso de História que praticamente privilegiava a história econômica e a história política. Eu, que fui como a “rosa” e dizia “eu quero História da Educação”, tive de me mudar de cidade. Assim, no México, temos vivido diferentes tradições de como o currículo de História vai sendo esvaziado, reduzido.

Nós, já na formação como profissionais da História da Educação, como historiadores, temos afirmado que o currículo da educação básica acaba ficando limitado. Reconhecemos as virtudes da história nacional e compreendemos por que ela deve continuar sendo ensinada, assim como as questões de identidade. Sabemos que isso contribui para a consolidação da identidade nacional.

Agora estou falando do nordeste mexicano, de Monterrey, que é um dos estados mais ricos da República Mexicana. Diziam para mim claramente: “disso você não vai conseguir viver”. Então, imagine dizer isso a um aluno do ensino fundamental ou do ensino médio; é evidente que assim eles não vão gostar de História. Por isso, acredito que o primeiro desafio — de verdade, ainda que pareça difícil de acreditar — é justamente esse.

A disciplina de História da Educação é oferecida aqui em um momento em que os estudantes chegam a partir da formação do ensino médio (aqui chamada de preparatória), etapa em que quase não se têm contato com a História. Assim, a História acaba sendo abandonada ainda no ensino fundamental.

Para voltar a conectá-los com a História, a primeira coisa que lhes pergunto é: vocês gostam de História? E, claro, cerca de 80% me responde que não. Ou seja, não gostam de História. E por quê? Eu acredito ser porque temos uma tradição, ao menos no México, de ensinar História como um conjunto de datas, de grandes heróis e de grandes personagens. Chega um momento em que eu lhes digo que essa forma de História já não deveria ser ensinada no nível superior.

Então, eu pergunto: onde está a História crítica? Onde está o questionamento dos grandes personagens e dos grandes marcos da História? Por isso, acredito que nosso primeiro desafio é justamente reconectá-los com o passado e mostrar como o passado lhes serve para compreender o presente, e como as perguntas que fazemos hoje também encontram respostas no passado.

Então, para mim, isso tem sido bastante complicado, porque primeiro preciso fazê-los se reconectarem com a História, despertar o interesse e mostrar que a História vai muito além de datas e dados. E imagine quando eu ainda lhes digo que, além disso, vou falar de uma história que não é tão comum: a história das mulheres, das crianças. Ou seja, eles reagem dizendo: “como assim? E ainda por cima você não vai nos falar dos heróis patrióticos?”. Então, claro, a resistência aparece.

Então, acredito que o primeiro desafio está exatamente aí: primeiro reconectá-los com a História; depois, levá-los a perceber essa relação entre passado e presente. Quando chego com meus estudantes, levo-os as antigas salas de aula e pergunto: por que vocês acham que existe esta linha de concreto aqui? Por que antes as salas de aula tinham estrado? Os professores precisavam ficar em uma posição mais elevada do que os alunos. E, hoje, como a educação mudou.

Então, recorro muito à arqueologia escolar para que eles compreendam a educação a partir dessa ideia de que há coisas que mudam e coisas que permanecem. A noção de que, claro, existem o currículo, o professor e os alunos — a famosa tríade pedagógica —, mas que tudo isso também se materializou historicamente nesses espaços.

Ou seja, acredito que o desafio é, antes de tudo, reconectá-los com o próprio passado, mas não com um passado de grandes heróis, grandes personagens ou grandes lugares históricos, e sim com eles próprios como parte da História. Por isso, proponho que escrevam suas autobiografias, que escrevam sobre si mesmos. Que conversem com seus avós sobre como era a escola. Às vezes me dizem: “Professora, sabia que meu avô contava que precisava levar o próprio banco para a sala de aula?”. E eu pergunto: o que isso nos diz?

Uma das primeiras atividades que eu faço é levar fotografias históricas da educação. Essa é uma das linhas de trabalho, inclusive há um livro sobre isso. Começamos mostrando imagens antigas da educação e, a partir delas, tento conectá-los com o próprio passado. Digo a eles: isto é San Luis Potosí, observem o que esses retratos escolares históricos nos revelam.

E, quando observam essa fotografia, eu digo: vejam até quando se continuou ensinando economia doméstica às mulheres. Esta imagem é de 1962, o que revela a longa duração dessas práticas. E então explico: se isso foi ensinado de maneira diferente para meninas e meninos.

Isso hoje não é natural. Porém, se nos ensinaram a cozinhar, aqui estavam ensinando como atuar na cozinha às meninas nas escolas, em 1962, em San Luis Potosí, em Cárdenas, no estado de San Luis Potosí. Então esse tipo de situação é o que me ajuda a disparar, a provocar a reflexão histórica.

Essa ideia de que a História precisa servir para alguma coisa aparece quando lhes digo que o que quero é que entendam que o nosso presente é produto desse passado. Quando pergunto às minhas alunas o que fazem antes de chegar à universidade, elas respondem: preparei o café da manhã para meus irmãos menores ou para os filhos, no caso das que são mães.

Então eu lhes digo: claro, estamos em um campo profissional feminizado, porque 85% de nossos estudantes são mulheres. Peço que observem como fomos socializadas. Ou seja, o nosso currículo também foi mediado por isso, porque passamos a realizar uma série de tarefas, aprendidas em casa, com nossas mães e avós, mas também reforçadas na escola, onde se consolidava a ideia de domesticidade.

É a partir daí que começo a conectá-las e a problematizar essas questões. Acredito que a História da Educação também tem me ajudado muito a sensibilizar as estudantes, mostrando que a construção do que hoje entendemos por “mulher” é resultado desse passado.

Caminhos da Educação: — Do seu ponto de vista, é possível uma abordagem interseccional na escrita da História da Educação, tanto na pesquisa quanto no ensino?

Norma Ramos Escobar: — Claro, sem dúvida. Imagine quando eles observam retratos: percebemos a condição de classe, a condição de gênero. Por exemplo, como eu escrevi na minha tese sobre as infâncias, as crianças mais fotografadas são as de classes altas; aparecem na imprensa como concertistas, e as meninas surgem nas publicidades. E eu pergunto: onde estão as outras? Onde estão essas outras vozes, essas outras histórias?

Forçosamente, acredito que a perspectiva interseccional é obrigatória. Todas e todos nós que começamos a trabalhar com temas de gênero percebemos, naquele momento, que nem sequer é fácil tentar agrupar as mulheres em um único grupo. Não é simples, porque existem condições de classe, condições de idade.

A doutora Blanca Susana, que trabalhou com professoras aposentadas — e com quem dialogamos —, mostra claramente que é outra história a das mulheres que começaram a trabalhar aos 14 anos e pensavam em serem professoras. Então, essa ideia de que as mulheres utilizavam a docência como se dizia — “ah, vão ser professoras enquanto não se casam”. Por isso seriam carreiras curtas, com expectativas limitadas. Isso é o que diziam os discursos.

Mas, quando fazemos as entrevistas, quando lemos suas cartas dizendo “o trabalho me serve porque sustento minha mãe”, “minha mãe é viúva”, “sou viúva” ou “meus pais estão doentes”, vemos surgir essa figura da mulher provedora, que não podemos ignorar. Ou seja, não se trata do perfil comum de todas as mulheres que imaginávamos a partir dos discursos genéricos, segundo os quais a docência serviria apenas para ocupar o tempo vazio das mulheres e que, portanto, não haveria por que pagá-las, já que seriam “filhas de família”.

É claro que existiam, sim, filhas de família, filhas de pais que não queriam que suas filhas cursassem engenharia ou medicina e as encaminhavam para a docência. Mas existem também as outras — que são igualmente objeto da minha análise —, as mulheres provedoras, aquelas que dizem: “caso meu casamento não dê certo, quero ter um trabalho”. Mulheres que já pensavam que o matrimônio não seria tudo.

Por isso, acredito que, se não interseccionalizarmos — e isso vale também para estudos de história econômica —, acabamos pensando que a economia surge apenas da acumulação originária, quando, na verdade, essa acumulação não é possível sem o trabalho escravizado ou servil. Em outras palavras, penso que todos os temas podem e devem ser interseccionalizados, justamente para compreender como chegamos até aqui, entendendo que somos produto desses processos.

É quando se diz que todos somos migrantes, todos somos diversos, todos somos resultado de uma mistura intensa, de uma hibridez profunda. Por isso, para mim, essa abordagem é indispensável.

Caminhos da Educação: — Agora, esta pergunta é muito importante para nós. Com relação ao Encontro Internacional de História da Educação, que foi realizado em San Luis no ano passado e que agora acontecerá em Oaxaca. O que pode nos contar? Quando será?

Norma Ramos Escobar: — Então, veja, para nós é um grande desafio, inclusive porque será a primeira vez que realizaremos o encontro ali. Temos associados da *Sociedad Mexicana de Historia de la Educación*, sobretudo na região central do país — poderíamos dizer que quase em todos os estados —, embora ainda existam alguns estados da República onde não contamos com historiadores da educação associados. Aos poucos, esses colegas têm se aproximado.

A *Sociedad Mexicana de Historia de la Educación* já tem mais de 30 anos de trabalho coletivo na organização desses encontros. Eles nos servem justamente para promover o diálogo entre nós, no México, mas desde o início também recebemos colegas de outros países; por isso, o evento se chama *Encontro Internacional de História da Educação*. No ano passado, tivemos o prazer de contar com a presença da Alexandra, que esteve conosco aqui, além de uma colega chilena. Em 2026, realizaremos a 19ª edição do encontro.

Vamos celebrá-lo na cidade de Oaxaca, uma cidade belíssima, riquíssima em cultura e tradição e, além disso, uma das regiões mais importantes em termos de educação indígena. É um lugar com uma história muito forte.

Para nós, foi quase uma provocação feita ao colega que vive lá. Nosso colega Salvador Sigüenza, historiador da educação que atua em Oaxaca, assumiu o desafio de nos convocar para o próximo encontro. Ainda estamos definindo alguns detalhes em relação à organização em Oaxaca.

Sabemos que, tradicionalmente, nossos colóquios e encontros ocorrem nos meses de novembro e dezembro, mas desta vez tudo indica que será na primeira semana de dezembro. Por quê? Porque há uma festividade muito importante na região, a *Guelaguetza*.

Nesse período, os hotéis ficam muito caros e a cidade se torna bastante turística. Então, o colega nos disse: “Queremos que os colegas venham, sem que isso pese no bolso”, e decidimos realizar o encontro depois da *Guelaguetza*. Normalmente, reunimos entre 300 e 350 participantes.

A *Guelaguetza* é um evento de projeção internacional, mas encarece muito a cidade. Por isso, estamos buscando datas mais adequadas, e tudo indica que será na primeira semana de dezembro,

o que ainda estamos finalizando. Essa escolha também permite que colegas estrangeiros, se tiverem disponibilidade, permaneçam para conhecer Oaxaca, que é um lugar maravilhoso.

Oaxaca oferece praias, serras e um centro histórico belíssimo. Portanto, não apenas pelas potencialidades da cidade, mas também pelo diálogo que construiremos ali, acredito que o encontro será realmente extraordinário.

E reforço: ainda estamos definindo os detalhes, mas tudo indica que será na primeira semana de dezembro. Esta é uma primícia, viu? Uma informação em primeira mão, exclusiva para a revista e para vocês, sobre a realização do encontro nessa primeira semana de dezembro.

Esperamos contar com a participação e a troca de experiências. Sempre dizemos que gostaríamos que participassem, e, felizmente, vocês sempre participam. Nós enviaremos a convocatória, que deve ser lançada entre janeiro e fevereiro de 2026, período em que normalmente é divulgada, permanecendo aberta ao longo do ano. Há claro, com datas específicas para o encerramento das submissões, para as propostas, para a organização dos grupos e das mesas. Assim, esperamos contar com a presença de um grande número de colegas brasileiras e brasileiros.

Caminhos da Educação: — Sim, e para finalizar: há algo que gostaria de dizer, mas que não perguntamos?

Norma Ramos Escobar: — Bem, há uma coisa que eu gostaria de dizer e que não foi perguntada: por que o México? Quero dizer, você me perguntou sobre essa relação que nós temos com vocês, não é?

E eu acredito que vocês são um referencial muito importante para nós, também por conta da constituição colonial, que no caso do Brasil vem de Portugal, enquanto a nossa vem da Espanha. Então, eu compreendo esse diálogo.

O México é importante? O México é querido? O México é...? O que o México significaria, por exemplo? Essa é uma pergunta que deixo para vocês.

Caminhos da Educação: — Nós gostamos muito da sua pergunta. Sim, porque aqui encontramos diálogo. Somos próximos em muitos aspectos, mas, a nosso ver, o mais importante é que nos reconhecemos como verdadeiros pares.

No âmbito acadêmico, apreciamos estar aqui porque estamos sempre em diálogo, em uma troca constante de experiências e saberes. Parece-nos que é justamente isso o que nos une: a ideia permanente de encontro, sustentada pela dimensão da identidade latino-americana.

Sendo assim, no México podemos tratar de temas com muito mais liberdade do que em outros países, especialmente das questões decoloniais. Quando entramos nessas discussões, muitas vezes é necessário adotar certos cuidados, mas aqui, no México, sentimos maior abertura. Vivemos experiências semelhantes e creio que compartilhamos um sentimento comum. Podemos falar, agir e pensar juntos com mais liberdade.

A temática do trabalho com os povos indígenas também nos inspira profundamente. No Brasil, esse campo ainda tem muito a se desenvolver. Existem pesquisas, sem dúvida, mas não na mesma proporção que no México.

No contexto brasileiro, discutimos amplamente a população negra em função da escravidão. Já a realidade mexicana nos provoca a refletir: o que podemos pensar sobre os povos indígenas? Creio que essa é uma das grandes contribuições dos estudos desenvolvidos no México para a História da Educação e para outras áreas do conhecimento em escala mundial.

No que diz respeito às questões indígenas, o México é, sem dúvida, uma referência internacional. É nesse ponto que se estabelecem as conexões. E apreciamos também o fato de o México contar, atualmente, com uma mulher na presidência.

Norma Ramos Escobar: — Ah, muito obrigada. Veja, nós, mulheres, de fato enfrentamos muita pressão, quase todas nós. Tivemos, acredito, apenas três colegas historiadores homens.

Na História da Educação, o campo é um pouco mais feminizado. Aqui, na *Sociedad Mexicana de Historia de la Educación*, somos majoritariamente mulheres. E, bom, não falo especificamente de mim, mas das presidências anteriores. Houve presidentes homens, sim, mas ao longo do tempo tem havido certo equilíbrio: ora uma mulher, ora um homem. Isso também é importante.

Esse equilíbrio é significativo. E, sinceramente, tenho percebido que cada vez mais colegas homens ingressam na *Sociedad Mexicana de Historia de la Educación* e passam a se dedicar a temas de gênero, o que considero muito interessante.

Eles estão se aproximando de temas que, anteriormente, não eram os mais esperados ou tradicionais, como a micropolítica educacional ou abordagens mais clássicas. Hoje, esses pesquisadores têm se voltado para questões relacionadas às mulheres, às infâncias, às diversidades na educação e também às masculinidades no campo educacional. Creio que isso tem muito a ver com as novas gerações.

Estão chegando jovens historiadores e historiadoras da educação. Eu costumava dizer que não sei se chegaremos a algo como o modelo brasileiro, pois se trata de uma comunidade muito

ampla. Recentemente, tive o prazer de conhecer Terciane, presidenta da *Sociedade Brasileira de História da Educação*.

Ainda temos outras questões que precisam ser enfrentadas na História da Educação no México. Para se ter uma ideia, nosso quadro reúne cerca de 85 a 100 historiadores e historiadoras da educação.

Desses, muitos possuem doutorado, vinculados a diferentes instituições, centros de pesquisa, universidades autônomas e unidades da Universidad Pedagógica Nacional (UPN). Há também colegas que atuam como gestores educacionais e que se aproximam da História da Educação, produzindo pesquisas nessa área. Em termos etários, estamos majoritariamente na faixa dos 50, 60 anos e entre aposentados.

Por isso, considero fundamental refletirmos, enquanto sociedade científica, sobre a quem iremos legar esse campo, a quem confiaremos a responsabilidade de continuar promovendo encontros, organizando eventos e mantendo esse espaço vivo. Muitos de nossos sócios fundadores já se aposentaram ou, infelizmente, faleceram. Temos revista, anais, livros, mas precisamos pensar na continuidade.

Precisamos formar aqueles que vêm depois de nós. Quando recebi o prêmio de História da Educação — ou melhor, de História — pelo meu primeiro livro, ninguém acreditava que fosse eu. As pessoas esperavam alguém com cabelos brancos. Quando cheguei, ouvi comentários do tipo: “Ah, pensei que fosse outra pessoa”. Existe ainda essa imagem da historiadora ou do historiador com cabelos grisalhos. Será que continuamos pensando que a História é apenas isso? Eu tinha 31 anos quando recebi o prêmio e ninguém acreditava que alguém da minha idade pudesse ter produzido aquele trabalho. Esses imaginários pesam muito.

Na História da Educação, percebo também a necessidade de dessacralizar certos espaços. Caso contrário, não conseguiremos atrair os jovens, aqueles que vêm depois de nós, para que comecem a assumir a batuta. Nós vamos nos cansar. Já estamos sobrecarregadas de trabalho, de gestão e de múltiplas demandas, e muitas vezes não conseguimos formar aqueles que irão nos renovar.

Lembro-me de ter conversado com colegas já aposentados e pensar em como era bonito vê-los ainda tão entusiasmados. Mas precisamos renovar o campo, sem dúvida.

Caminhos da Educação: — Exatamente. Muito obrigada pelo seu tempo e pela atenção dedicada a nós. Ficamos muito felizes em ouvi-la e estamos totalmente de acordo com suas palavras.

REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Norma Ramos. **El trabajo y la vida de las maestras nuevoleonenses: un estudio histórico de finales del siglo XIX y principios del siglo XX.** Monterrey: CONARTE, 2007.

ESCOBAR, Norma Ramos. **La niñez en la educación pública nuevoleonense, 1891-1940.** Monterrey: Fondo Editorial de Nuevo León, 2015.

ESCOBAR, Norma Ramos. **Fotografía e historia de la educación: miradas desde el patrimonio escolar.** San Luis Potosí: Universidad Pedagógica Nacional, 2018.